



O filme PERSEPOLIS foi o segundo a ser exibido, em 7 de Março de 2012, na reedição dos Ciclos sobre Direito e Cinema que a AEFDUNL iniciou em 2011/2012, depois de um interregno de alguns anos.

Entre 1998 e 2005, a FDUNL organizou vários Ciclos, com a presença de comentadores convidados e, em alguns casos, uma ligação directa do conteúdo dos filmes a algumas disciplinas do Curso de Licenciatura em Direito.

Helena Pereira de Melo apresentou este filme.

Persepolis

Persepolis é um filme de animação francês escrito e dirigido por Marjane Satrapi e Vincent Paronnaud, em 2007.

É um filme autobiográfico que conta a história de uma jovem iraniana, Marjane, desde a infância até à idade adulta. Paralelamente relatamos a evolução política ocorrida no Irão nos últimos trinta anos, desde a queda do Xá da Pérsia, em 1979, até ao final dos anos noventa do século passado.

É um filme belíssimo, não apenas pelas imagens e cores utilizadas e pelas vozes a que recorre (de consagrados actores e actrizes, como Catherine Deneuve e Chiara Mastroianni), como também pelo conteúdo.

A principal mensagem do filme é a de que a liberdade tem um preço. Em nome da liberdade morrem o avô e o tio da Marjane, em nome da liberdade esta parte duas vezes para a Europa, para evitar as limitações aos seus direitos fundamentais impostas pelo(s) regime(s) autoritários iranianos.

Liberdade que se encontra associada à ideia de integridade pessoal, à coerência que devemos ter perante nós mesmas. O único conselho que a Avó dá a Marjane antes de esta partir para o exílio é o de que permaneça íntegra, ou seja, fiel a si própria e aos seus princípios. “Temos sempre uma escolha” diz-lhe, quando considera que a neta procedeu mal, ainda que essa escolha se limite à aceitação da morte em nome daquilo em que acreditamos.

Associada à ideia de integridade moral como expressão da dignidade da pessoa está uma outra: a de exílio. O exílio como forma de sobreviver e o preço que lhe é inerente: a fome, o frio, a saudade e o sofrimento. A xenofobia (expressa na afirmação de Marjane “dizem que os iranianos são todos selvagens”) e a incapacidade de integração primeiro no país de acolhimento, e mais tarde, no país de origem. Marjane afirma quando regressa ao Irão “fui uma estrangeira na Áustria” (país onde passou a sua adolescência e cuja cultura nunca entendeu completamente) e sou-o no meu próprio país”.

A vulnerabilidade de Marjane é também uma constante do filme. Segue, com frequência, o conselho da avó – “não tenhas medo, é o medo que nos faz perder a consciência daquilo que devemos fazer” – mas, tendo sobrevivido a uma revolução e aos efeitos de uma guerra entre o Iraque e o Irão, sucumbe quando descobre que o namorado Austríaco a traiu.

Paralelamente à história de Marjane é-nos contada a história do seu País e dos seus concidadãos. Por vezes com uma ironia fina, como quando nos revela que depois da partida do Xá todos subitamente se converteram ao comunismo e a professora primária, fervorosa admiradora deste, rasgou todas as suas fotografias do livro adoptado na escola... Ou quando, quase sem recurso à ironia, nos descreve a progressiva perda de direitos das mulheres num Irão cada vez mais dominado pelo fanatismo religioso. “Uma mulher digna é uma mulher que se cobre”, “o véu é símbolo de

liberdade”, é dito no filme. A mulher deve cobrir-se, deve manter-se pura e recatada, apenas se aproximando do sexo oposto quando casada. Não se deve pintar ou vestir de forma que lembre a decadência moral do Ocidente. Ainda quando foi educada, como afirma a mãe de Marjane, para ser independente, culta, emancipada e livre.

Muitos são os sentidos atribuídos à palavra liberdade ao longo do filme. A liberdade dos homens perante Deus, a liberdade marxista, a liberdade dos aiatolas, a liberdade de certas correntes niilistas ocidentais. Mas o essencial é o que reiteradamente é dito: há pessoas, como o tio de Marjane (que lhe chama, pouco antes de ser executado e de lhe ter pedido que preserve a memória da família, “a estrela da sua vida”) que morrem em nome da liberdade. É essa a mais importante e sempre atual mensagem deste filme. É sempre o nome “liberdade” que é escrito em todas e cada uma das suas cenas.

Helena Pereira de Melo

Março de 2012